



## A representação social da violência na perspectiva de líderes religiosos

The social representation of violence from the perspective of religious leaders

The social representation of violence from the perspective of religious leaders

DOI: 10.55905/revconv.17n.13-437

Originals received: 11/15/2024

Acceptance for publication: 12/09/2024

**Giovanna Fernandes Pieri**

Mestrando em Práticas Institucionais em Saúde Mental

Instituição: Universidade Paulista

Endereço: Ribeirão Preto – São Paulo, Brasil

E-mail: gpieri.fernandes@gmail.com

**Simone Saltareli**

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade de São Paulo

Endereço: Ribeirão Preto – São Paulo, Brasil

E-mail: simone.saltareli@docente.unip.br

**Ana Carolina Ferreira Castanho**

Doutora em Ciências

Instituição: Universidade de São Paulo

Endereço: Ribeirão Preto – São Paulo, Brasil

E-mail: ana.castanho@docente.unip.br

### RESUMO

A violência contra a mulher vem avançando em números nos últimos anos, tornando-se uma questão de saúde pública. Distorções relacionadas aos constructos religiosos, bem como o papel dos líderes religiosos podem representar um aspecto importante na compreensão desse fenômeno. Para a teoria da socialização, tanto a socialização primária, relacionada à família, quanto a socialização secundária, provinda de grupos como a escola, a instituição religiosa, dentre outros, interferem na maneira como o sujeito organiza seus conceitos e suas relações. O presente estudo trata-se de pesquisa qualitativa descritiva com o objetivo de conhecer a representação da violência na perspectiva de líderes religiosos, bem como a dor decorrente dessa violência, concernente com o conceito de Dor Total. Foram entrevistados 09 líderes religiosos das três principais denominações: 02 católicos, 04 evangélicos e 03 espíritas. A coleta de dados foi realizada, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, por meio de entrevista semiestruturada, analisada com o método de análise de conteúdo temática. Com os resultados foram definidas 03 categorias de análise, sendo elas: Religião como um regulador social em potencial; Erros de interpretação de constructos que promovem ou mantêm a violência; Percepções de gênero e sua relação com a violência. Com base nos resultados, pensa-se que é possível desenvolver um produto que possa ser utilizado nas três denominações religiosas, no sentido de evitar a manutenção da violência, por meio da religiosidade.



**Palavras-chave:** religião, dor, violência, socialização.

### **ABSTRACT**

Violence against women has been increasing in numbers in recent years, becoming a public health issue. Distortions related to religious constructs, as well as the role of religious leaders, can represent an important aspect in understanding this phenomenon. For socialization theory, both primary socialization, related to the family, and secondary socialization, coming from groups such as school, religious institution, among others, interfere in the way the subject organizes their concepts and relationships. This study is a descriptive qualitative research with the objective of understanding the representation of violence from the perspective of religious leaders, as well as the pain resulting from this violence, concerning the concept of Total Pain. Nine religious leaders from the three main denominations were interviewed: 2 Catholics, 4 Evangelicals and 3 Spiritists. Data collection was carried out, after approval by the Research Ethics Committee, through semi-structured interviews, analyzed using the thematic content analysis method. Based on the results, three categories of analysis were defined, namely: Religion as a potential social regulator; Errors in the interpretation of constructs that promote or maintain violence; Gender perceptions and their relationship with violence. Based on the results, it is believed that it is possible to develop a product that can be used in the three religious denominations, in order to prevent the maintenance of violence, through religiosity.

**Keywords:** religion, pain, violence, socialization.

### **RESUMEN**

La violencia contra las mujeres ha aumentado en cifras en los últimos años, convirtiéndose en un problema de salud pública. Las distorsiones relacionadas con las construcciones religiosas, así como el papel de los líderes religiosos, pueden representar un aspecto importante para comprender este fenómeno. Para la teoría de la socialización, tanto la socialización primaria, relacionada con la familia, como la socialización secundaria, proveniente de grupos como la escuela, instituciones religiosas, entre otros, interfieren en la forma en que el sujeto organiza sus conceptos y relaciones. El presente estudio es una investigación cualitativa descriptiva con el objetivo de comprender la representación de la violencia desde la perspectiva de los líderes religiosos, así como el dolor resultante de esa violencia, en relación con el concepto de Dolor Total. Fueron entrevistados 09 líderes religiosos de las tres principales denominaciones: 02 católicos, 04 evangélicos y 03 espiritistas. La recolección de datos se realizó, previa aprobación del Comité de Ética en Investigación, a través de entrevistas semiestructuradas, analizadas mediante el método de análisis de contenido temático. Con los resultados se definieron 03 categorías de análisis, a saber: La religión como potencial regulador social; Malas interpretaciones de constructos que promueven o mantienen la violencia; Percepciones de género y su relación con la violencia. Con base en los resultados, se piensa que es posible desarrollar un producto que pueda ser utilizado en las tres denominaciones religiosas, con el fin de evitar el mantenimiento de la violencia, a través de la religiosidad.

**Palabras clave:** religión, dolor, violencia, socialización.



## 1 INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno complexo, multicausal, podendo ser expressado nas relações humanas e no ser humano. No Brasil esteve presente desde a colonização e até hoje sentimos seus impactos. Minayo 2006, ressalta que há dificuldades de conceituação de violência, e que estas vêm do fato de ser um fenômeno da ordem do vivido, e que são perpassados a este fenômeno, uma carga emocional intensa, que acomete a todos os atores: perpetrador da violência, vítima e para quem a presencia. A autora a classifica como um fenômeno socio-histórico não sendo em si um problema de saúde pública, mas ocasionando problemas a saúde pública. Devido a complexidade dos problemas e o movimento que ela causa na rede de saúde: provoca mortes, lesões, problemas físicos e psicológicos, impacta os serviços de urgência e emergência, nos casos mais complexos demanda serviços especializados de saúde (cirurgias, exames complexos), necessita de atuações e intervenções multidisciplinares, dentre outras coisas.

Em decorrência a todas estas questões a Organização Mundial de Saude (OMS), considera a violência como um problema de saúde pública, que precisa ser pensada de maneira ampla, interdisciplinar, para o desenvolvimento de estratégias que visam minimizar seus impactos. Conceitua a violência como uma situação na qual é utilizado intencionalmente força física ou do poder, para realizar uma ameaça que seja real ou potencial, que pode ser direcionada a si próprio, à outra pessoa, a um grupo ou uma comunidade e que tenha possibilidade de resultar, ou de fato resulte em danos de ordem física, psicológica, deficiência relacionada ao desenvolvimento ou privação de direitos.

Uma das maneiras nas quais a violência se expressa no Brasil e que tem sido motivo de preocupações devido a seus números alarmantes, está relacionada à violência contra a mulher, sendo realizada por parceiro íntimo. Dados disponíveis na literatura revelam que foi calculada uma taxa de 3,5 casos de feminicídio para cada 100 mil mulheres brasileiras, no último ano. Em torno de 70% dos casos registrados ocorreram dentro da casa da vítima. Tais dados colocam o Brasil como o quinto lugar no ranking de países com maior número de casos registrados de feminicídio (Machado, 2021).

Esse tipo de violência impacta o sistema familiar, provocando consequências de diversas ordens. Tal impacto corrobora com a compreensão de dor, proposta por Saunders, 1991. A autora teve ampla experiência com cuidados paliativos e propôs a compreensão da dor, entendendo-a



como Dor Total, que abrange os acometimentos físicos, psíquicos, espirituais, sociais, familiares, provocado na equipe de saúde, moral, dentre outras possibilidades de dimensões do ser humano. Dada a complexidade do fenômeno da violência, entende-se que existe potencial para que esta provoque a percepção de dor em diversas das dimensões postuladas no conceito de Dor Total. Assim, temos na violência uma associação com outro fenômeno complexo e multifatorial, a saber, a dor.

A literatura aponta que os aspectos intervenientes na violência apresentam significativa influência de fatores sociais, incluindo o processo de socialização. De acordo com os autores Berger e Luckmann, 2006, tal processo de socialização pode ser compreendido como parte integrante do desenvolvimento do ser humano e dividido em duas fases: primário e secundário. No primário acontece a socialização atrelada ao grupo familiar, primeira experiência de participação em grupos experienciada e que fundamenta substancialmente a maneira como o ser humano, em desenvolvimento, faz suas primeiras representações associadas à compreensão dos fenômenos e relações sociais. Já na socialização secundária, estão presentes as interações dos indivíduos com os demais grupos com os quais vão se associando, como por exemplo, da escola, do trabalho, grupo religioso, dentre outros.

Minayo (2006) também pensa a violência em sua forma estrutural, a partir de processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem as diversas situações de dano ao ser-humano que estão enraizadas e se perpetuam através dos processos sócio-históricos, naturalizando-se na cultura e produzindo as formas de dominação, tais conceitos são passados nos processos de socialização, pelos pais e cuidadores em um primeiro momento e mais tarde pelos grupos sociais aos quais a criança vai sendo inserida, sendo as religiões um dos possíveis espaços socializadores e reprodutores de papéis e conceitos, fazendo destas instituições importantes pilares formadores da pessoa em desenvolvimento.

Dessa maneira, entende-se que a religião é uma das fontes de socialização do ser humano, ao longo de seu desenvolvimento. De acordo com Farris, 2007, uma das figuras importantes para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento religioso nos fiéis, assim como pela introjeção das principais características do comportamento religioso esperado, inclusive no que delimitações dos papéis de masculino e feminino.

Assim, percebe-se que a religião, especialmente pensando-se no papel do líder religioso, apresenta possibilidades de influência sobre a construção social dos papéis de masculino e



feminino, o que interfere em última instância na maneira como os processos de violência são perpetrados na sociedade.

Considerando-se a complexidade e multidimensionalidade dos fenômenos abordados, bem como o impacto da violência enquanto questão de saúde pública, destaca-se a relevância social e científica do desenvolvimento de estudos que contemplem a influência da religiosidade no manejo da representação social do masculino e do feminino, e sua contribuição ou não para processos de violência, bem como, como o líder religioso entende essa representação, enquanto responsável, em grande parte, pela construção dessa representação. A relevância social está vinculada à possibilidade de colaborar com a população na compreensão desses processos, e desenvolvimento de estratégias de manejo dessas condições. E a relevância científica, destaca-se pela possibilidade de desenvolvimento de recursos preventivos.

O presente artigo está vinculado ao desenvolvimento de dissertação de mestrado previamente realizado, do Programa de Mestrado Profissional de Práticas Institucionais em Saúde Mental da Universidade Paulista (UNIP), campus Ribeirão Preto e teve como objetivo conhecer a representação da violência de gênero na perspectiva de líderes religiosos. Para tal, buscou-se conhecer o que líderes religiosos acreditam que possam ser gatilhos de violência de gênero a partir das interpretações distorcidas da religião; identificar se líderes religiosos reconhecem, em sua educação, aspectos que possam ter influenciado sua concepção do feminino e masculino; descobrir se líderes religiosos reconhecem na sua prática atitudes violentas que são embasadas por conceitos distorcidos da religião.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Essa pesquisa se faz relevante pelo fato de buscar recursos para desvelar a compreensão da concepção de líderes religiosos, bem como por ser uma construção ainda abordada de modo velado e pouco explorado pela literatura, acerca dos aspectos intervenientes da distorção dos constructos religiosos para justificar a perpetuação da violência. Em consequência da violência podem surgir e serem sustentadas diferentes tipos de dor, concernente com o conceito de Dor Total (Saunders 1991). Assim, para aprofundamento do tema, mudança de paradigma e para melhor atender as pessoas que procuram a religião, é que se embasa a justificativa desta pesquisa.



Religião é uma forma de manejo coletivo, influência na construção da representação social do masculino e do feminino o que pode contribuir ou não para atos violentos. A religiosidade, enquanto possibilidade de manejo na representação social, é entendida como promotora de resultados inclusive no que diz respeito à percepção da dominação do masculino nas relações conjugais (Facchin, 2020).

De acordo com Farris (2007) nas religiões existe a apresentação da vontade de Deus, ou da Natureza do Divino, por meio de diversas fontes de autoridade, como por exemplo as tradições (transmitidas ao longo do tempo) e as escritas (dentre elas a Bíblia). O líder religioso é o representante dessas fontes de autoridade e a escolha de seus afiliados perpassa por diversos aspectos políticos, econômicos, morais, etc. Fica evidente nesse sentido, a importância da representatividade do líder religioso na construção das concepções religiosas dos afiliados.

Nessa perspectiva é levado em conta que as três religiões de maior representatividade no país são: católica, representando 64,6% da população; evangélica, representando 22,2% da população; e espírita, que somam aproximadamente 2,0% da população, de acordo com dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que foi realizado em 2010. É possível perceber que aproximadamente 89% da população brasileira define-se como pertencente a alguma religião.

Considerando-se que o papel dos líderes religiosos está associado ao desenvolvimento das concepções religiosas centrais dos seus afiliados, inclusive no que diz respeito ao relacionamento conjugal, entende-se como central a maneira como este aspecto do trabalho dos líderes é desenvolvido, de maneira a considerar a importância de seu papel no manejo das distorções da religiosidade que possam estar associadas à violência contra a mulher.

Esta pesquisa visa contribuir para a ampliação da percepção da influência dos líderes religiosos em relação à maneira como tais distorções possam ser manejadas, a partir de sua prática e influência.

### **3 METODOLOGIA**

O estudo é qualitativo, exploratório e está no campo da pesquisa social. A pesquisa foi realizada por meio de entrevista semiestruturada, desenvolvida pelos autores, a qual continha questionamentos acerca dos dados sociodemográficos, como também perguntas abertas acerca



da percepção dos líderes acerca de aspectos relacionados a compreensão e conduta quando interpelados por situações em que haja indícios de violência de gênero (Minayo, 2012).

Participaram deste estudo 09 líderes religiosos, sendo distribuídos nas denominações: 02 da católica, 03 da espírita e 04 da evangélica. A amostra foi composta utilizando o método snowball, que consiste em realizar a coleta por meio da indicação em rede. Em princípio o convite foi publicado nas redes sociais e a partir da realização da primeira entrevista, foi solicitada a indicação do possível próximo participante. Dessa maneira foi realizada a indicação em rede, o que foi escolhido como técnica por tratar-se de um tema sensível (Bockorni; Gomes, 2021).

Anteriormente ao início da coleta de dados, foi realizada submissão do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa, sendo que o mesmo foi aprovado. Ao iniciar o processo de coleta de dados, foi apresentado a todos os participantes, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), tendo sido assinados pelos convidados que assentiram a participação. Durante a realização da entrevista, foram salvaguardadas todas as diretrizes contidas na resolução n.466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita, para que o material analisado fosse o mais fidedigno possível à fala do participante.

A análise realizada foi pautada na técnica de análise de conteúdo temática, proposta por Minayo, 2008. A opção pela técnica foi devido à possibilidade de analisar os dados tanto do ponto de vista mais concreto, centrado na fala em si, como também extrapolar essa concretude, em busca por possíveis inferências.

Campos e Turato (2009) pontuam que para que a análise seja realizada de maneira adequada, faz-se necessário desenvolvê-la, de acordo com as três etapas que propõem: na primeira, é realizada leitura flutuante, para que seja possível entrar em contato com o conjunto dos dados, porém ainda sem profundidade; já na segunda etapa é realizada a identificação dos conteúdos manifestos e latentes do material, sendo necessária nesse momento, leitura mais atenta e aprofundada, visando identificar possíveis significados; na terceira e última etapa, é realizada a identificação e organização das inferências, tanto no que diz respeito ao conteúdo manifesto, quanto também do latente. Essa construção precisa levar em conta elementos como a expertise do pesquisador, os aspectos acadêmicos disponíveis na literatura científica e também aspectos históricos, sociais, políticos, etc.



Visando facilitar a comunicação dos dados, após a finalização do processo de análise, o resultante foi organizado em categorias, de acordo com as principais compreensões que puderam ser inferidas acerca do material.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os participantes da pesquisa foram contactados previamente pela pesquisadora, todas as entrevistas foram agendadas. Os dados da caracterização foram informados por eles.

Tabela1: Características sociodemográficas dos líderes religiosos participantes da pesquisa.

Participante	Religião	idade	raça/cor	nupcialidade	gênero	escolaridade
CA1	Católico	47	Branco	solteiro	masculino	Superior
CA2	Católico	44	Branco	solteiro	masculino	Pós-grad
EV1	Evangélico	56	Branco	casado	masculino	Pós-grad
EV2	Evangélico	41	Branco	casado	masculino	Superior
EV3	Evangélico	48	Branco	casado	masculino	Sup. Inc
EV4	Evangélico	45	Pardo	casado	masculino	Fundam
ES1	Espírita	35	Branco	amasiado	masculino	Superior
ES2	Espírita	54	Branco	casado	masculino	Superior
ES3	Espírita	60	Branco	casado	masculino	Superior

Fonte: elaborada pelas autoras (2024)

Participaram deste estudo 9 líderes religiosos, 03 se denominaram espíritas, 04 evangélicos e 02 católicos. Todos (100%) são do gênero masculino, sendo que a média de idade é de 43 anos. Oito dos participantes (88,8%) se autodefinem da cor branca, como também 07 participantes referiram ter curso superior completo. Em relação à situação conjugal 66,7% dos participantes referiram estar casados e todos são residentes da mesma cidade do interior do estado de São Paulo.

Não foram encontrados estudos e pesquisas com a caracterização sociodemográfica de líderes religiosos, o que dificultou a discussão. Mas alguns fatos merecem ser ressaltados.



A questão de todos os líderes participantes serem do gênero masculino, pode ser um fator que merece atenção pois deflagra no mínimo a baixa incidência de mulheres em posição de liderança religiosa. Bezerra e Lima 2024, realizaram um estudo com o objetivo de analisar a relação entre a ética cristã e a igualdade de gênero, em seus resultados apontaram a integração dos princípios de igualdade de gênero nas práticas religiosas e educacionais crucial para promover mudanças, inclusive para incentivar mulheres a ocuparem cargos de lideranças religiosas o que poderia culminar e refletir em mudanças na visão igualitária da fé.

Já em relação às questões das entrevistas, 03 categorias foram resultantes das análises realizadas:

Tabela 2: Categorias e Subcategorias relacionadas às análises das entrevistas semiestruturadas.

Categoria	Subcategorias
Religião como um regulador social em potencial	
Erros de interpretação de constructos que promovem ou mantêm a violência	Distorções dos constructos religiosos
	Interpretações errôneas dos textos sagrados
Percepções de gênero e sua relação com a violência	Fatores biológicos
	Fatores sociais
	Fatores familiares

Fonte: elaborada pelas autoras (2024)

Religião como um regulador social em potencial: nessa categoria estão descritas as percepções dos líderes religiosos acerca de como a religião pode auxiliar a lidar com os aspectos referentes ao fenômeno da violência e conseqüentemente auxiliar no manejo da dor total.

Erros de interpretação de constructos que promovem ou mantêm a violência: aqui estão descritas as possíveis distorções ou erros de interpretação ligados aos constructos religiosos, bem como nos textos das escrituras consideradas sagradas pelos afiliados das denominações religiosas. Além disso, há a percepção de como esses aspectos influenciam a promoção ou a manutenção da violência;

Percepções de gênero e sua relação com a violência: essa categoria visa analisar como os participantes entendem a influência das percepções de gênero estão ligadas ao fenômeno da violência. Na descrição da categoria foi possível identificar as subcategorias: fatores biológicos (associados às diferenças orgânicas), fatores sociais (acerca de como os diferentes gêneros tem diferenças em termos de representação de papéis sociais) e fatores familiares (o que foi possível identificar no desenvolvimento dos participantes que influenciaram suas percepções de gênero).



As categorias citadas, estão relacionadas a seguir com os correspondentes relatos dos participantes. Visando diferenciar as denominações religiosas abordadas, atribuiu-se siglas para identifica-las na tentativa de aumentar a fluidez do contato com o material. Assim, para os participantes vinculados à religião católica, foi atribuída a letra “CA” para identificar que trata-se da fala de um padre (líder religioso dessa denominação) e um número, visando ordenar cronologicamente as entrevistas, ou seja, para o primeiro padre que realizou a entrevista, foi atribuída a sigla CA1 e assim sucessivamente. Essa mesma ordenação foi adotada para os líderes participantes da religião evangélica (EV) e para os líderes participantes da religião espírita (ES).

A partir da definição de cada uma das categorias, apresenta-se os resultados e discussão de cada uma delas. Em primeiro lugar, a categoria religião como um regulador social potencial, apresenta dados relevantes a respeito do que os participantes trouxeram de funções de rede. Segundo Sluzki (1997) a rede social são as relações que o indivíduo considera significativas, ela tem funções extremamente relevantes na vida das pessoas inclusive para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua autoimagem, quando a pessoa tem uma rede ativa, esta atua como fator de proteção, regulação social, apoio emocional, companhia social, ajuda material e de serviços. Nesta categoria foram observadas na fala dos participantes como a religião atua como rede principalmente na regulação social.

A religião aparece fortemente como sendo um importante regulador social, unanimemente, 100% dos participantes afirmam que a religião em sua essência possui o objetivo de promover princípios norteadores aos seres humanos que podem contribuir para a regulação social, sentimentos positivos seja em seu nível individual ou coletivo, e tem influência positiva sobre as relações sociais devido a esse aspecto central do amor, da não-violência baseado nas escrituras/lei como podemos observar na fala dos participantes:

“... o espiritismo é baseado totalmente em Jesus. Então compreendendo Jesus, é impossível praticar a violência; ou se praticar vai ser por responsabilidade própria” (ES1)

“Então, a própria palavra religião tem origem no latim que significa ‘religar’ o profano ao sagrado, o homem a divindade, se ela não cumpre esse papel de religação, aproximação, ela deixa de ser o que é” (EV2);

“Então a religião é extremamente benéfica se ela for levada a sério no aspecto do amor, um marido de verdade nunca será violento com a esposa e a esposa cristã de verdade nunca será violenta com o marido... ” (CA1);



Em todas as falas os participantes trazem a religião como sendo reguladora de atos violentos a partir do envolvimento da pessoa com a mesma, principalmente por meio do conhecimento de “Jesus” do “sagrado”, como podemos observar nas falas descritas.

Dos Santos Silva, *et al.*, 2024, em um estudo corrobora com a nossa percepção e achados sobre a religião como a importante função de regulação social, os autores referem-se a religião como um guia ético que transcende o eu. Afirmam que a religião não é apenas um conjunto de rituais e dogmas, mas um sistema que molda a moralidade coletiva, estabelecendo normas sociais que favorecem as interações contribuindo para a ordem social, mantendo o tecido moral que sustenta a coletividade através de um sistema de programação de comportamento humano, técnicas persuasivas e reforço de crenças.

Bernardi e Castilho, 2016, também ressaltam a questão da experiência religiosa e suas contribuições para a vida social, na medida em que motiva atitudes e comportamentos coletivos referentes ao sagrado, em consequência influencia na vida cotidiana da sociedade e do comportamento social.

É fato que todos os entrevistados possuem um conhecimento mais aprofundado da religião pois fazem parte da liderança e, portanto, espera-se que tenham um aprofundamento teórico de suas bases, é fato que a religião por ter a crença na “conversão dos fiéis”, recebem e acolhem a todos na “esperança” de mudanças e da modulação social pela fé, como podemos observar na fala:

“Eu acredito que a religião vem para ajudar no caso da pessoa que, se ela é violenta, vai ajudar ela a não ser violenta (...) A gente está falando de religião, mas eu acredito que a religião em si, ela vem para ajudar. A não ter dor, a não ter violência, a não ter essas coisas.” (CA2)

A espiritualidade sem dúvidas pode ser uma rede social, importante na vida de todas as pessoas por se tratar de uma instituição de portas abertas que pode influenciar na modulação social e no apoio emocional de muitas pessoas, mas também é relevante pensar e criar espaços de discussões que levem os líderes e fiéis a refletirem sobre os limites da fé, da mudança pessoal, e dos riscos, pois são linhas tênues que merecem atenção.

A segunda categoria definida a partir da análise foi Erros de interpretação de constructos que promovem ou mantém a violência, que foi subdividida em: distorção dos constructos religiosos e interpretações errôneas dos textos sagrados.



A primeira subcategoria, distorção dos constructos religiosos, está relacionada à identificação nas entrevistas de tentativas de justificar a violência por meio da religião, identificadas no exercício profissional do líder religioso. Como exemplo de fala de participante nessa categoria, destaca-se:

“(...)em muitos outros pastores que eu acredito que vão falar pra pessoa, que estão lendo a Bíblia, até mesmo torcendo pra mim e dizendo que tem que ficar e que tem que orar. (...) eu não fico falando para a pessoa que ela tem que ficar com a pessoa sendo que ela tá apanhando.” (EV1)

O trecho revela a percepção do participante em relação ao exercício de colegas que utilizam os recursos da religião, para justificar a manutenção do casamento mesmo sob a situação de violência.

Prazeres (2021) discorre em seu texto sobre o que considera fundamentalismo religioso, baseado na obra de Paul Tilich. O autor enfatiza que o fundamentalismo propõe um tipo de idolatria religiosa, que faz com que muitos afiliados das denominações religiosas aceitem preceitos sem quaisquer tipos de questionamentos ou reflexões sobre os temas e suas idiossincrasias. Há no texto ainda uma crítica referente às dificuldades dentro da perspectiva fundamentalista de considerar a temporalidade histórica e relativizar as compreensões dos constructos.

Já a segunda subcategoria, interpretações errôneas dos textos sagrados, diz respeito à maneira como os textos sagrados são muitas vezes utilizados para justificar posicionamentos, inclusive em relação à violência. Observou-se ainda que é a leitura e interpretação de textos sagrados equivocados e o uso errado da religião que a torna, em contrapartida, um instrumento opressor e de reprodução e manutenção da violência, causando a dor, uma vez que na teoria das religiões o amor ou as relações saudáveis a nada assemelha-se a qualquer comportamento violento, bem como a violência não é uma prática permitida dentro da fé professada, como observado nas falas dos participantes a seguir:

“A pessoa, qual seja a religião, se ela é violenta ela está agindo contrariamente ao que ela está aprendendo ou ensinando aos outros” (ES3);

“Quando essas interpretações bastante equivocadas de textos sagrados são utilizados para justificar comportamentos preconceituosos, violentos, pervertidos, etc..., a gente vê o poder da religião como determinante ou contribuinte da violência dentro dos seus pares... Se ela vem no



contexto de opressão, de exploração ou qualquer outra coisa que fira o ser humano, ela não pode mais ser chamada de religião''. (EV2)

Aqui o participante se referia aos textos religiosos como recursos para o manejo de situações violentas ou como justificativas distorcidas da mesma. Ilustrando a questão da religião como propulsora social da construção social do papel do feminino e do masculino a partir da interpretação individual da moral religiosa.

Rossi (2022) aborda em seu estudo, que a própria definição de fundamentalismo está calcada na infalibilidade dos textos sagrados. Contudo, o autor destaca a importância de considerar que o principal texto sagrado, a bíblia, remonta de dois a três mil anos atrás e que o mesmo foi estruturado em outra língua, o que por si só já apresenta ampla diversidade de possíveis erros de interpretação. Salienta ainda, que muitos atos de violência ao longo da história, foram justificados de maneira fundamentalista, como por exemplo, a violência contra mulheres consideradas bruxas, suspeitos de heresia, etc., e que ainda perdura atualmente, como na violência relacionada às diferentes vivências da sexualidade, ou ainda contra as religiões de matriz africana e dos povos originários.

Outro autor que discute a influência do fundamentalismo na produção de erros interpretativos dos textos é J.H.Walton. Em sua obra publicada em 2021, o autor faz uma distinção entre o que é considerada a bíblia hebraica, nas qual constaria os textos do Antigo Testamento e a bíblia cristã, composta pelo Novo Testamento, historicamente mais recente e embasadas nas propostas de Jesus Cristo para as vivências religiosas. Segundo o autor, na bíblia hebraica estão textos mais utilizados como justificativas para atos violentos, inclusive para as concepções de feminino e masculino e seus papéis sociais. Ainda de acordo com o mesmo, discute-se teologicamente que a bíblia hebraica, não reflete as concepções cristãs e que deveria ser retirada da compreensão e conceituação de denominações religiosas, intituladas de cristãs.

É possível perceber que os autores falam de possibilidades de interpretação que não condizem com a vivência religiosa atual e que os erros interpretativos são embasados em textos anteriores ao cristianismo, que não proferem concepções que justifiquem a violência.

A última categoria resultante da análise, diz respeito às percepções de gênero e sua representação na violência. Foram identificadas 03 subcategorias, sendo a primeira, relacionada aos fatores biológicos. Nessa, ficou em evidência uma distinção de papéis de masculino e de feminino principalmente baseada em questões biológicas, não se estendendo a outros fatores.



“A diferença é que, embora tendo direitos iguais, cada um tem um desempenho diferente, cada um tem sua obrigação, lembrando que sendo detentores dos mesmos direitos... mas tem diferença nos papéis... Um homem não consegue gerar um filho e dar à luz. Então não tem como ter o mesmo papel.”(EV3)

“Do ponto de vista popular há diferenças sim... que as pessoas, às vezes, explicam de maneira assim ‘pela natureza a mulher é assim e o homem, assim’, então há diferenciações... A mulher que é mãe, que vai amamentar, isso gera uma diferença de suporte que ela necessita e que não são os mesmos suportes que o homem, por natureza biológica” (CA1)

“Pelo nosso entendimento, do espiritismo... no corpo de homem e de mulher tem funções naturais que essa condição vai te dar... Por exemplo, a maternidade não pode ser exercida pelo homem, mas em termos de função a gente não vê essa diferença” (ES3)

É possível identificar que na percepção dos participantes as diferenças entre homem e mulher estão centralizadas nos aspectos biológicos, como a capacidade de gerar uma criança, da gravidez em si.

Bolzan Medeiros e Campos (2020) abordam exatamente esse aspecto biológico das diferenças de gênero e a influência do mesmo para a produção de violências simbólicas relacionadas ao mercado de trabalho, perpetuando a diferença da valorização dos trabalhos realizados por homens e mulheres, com justificativas centradas na questão da gravidez e ciclos hormonais das mulheres.

Dessa maneira, é possível perceber que a distinção entre gêneros, calcada no aspecto biológico, também produz consequências, pensando-se inclusive em outras modalidades de expressão da violência.

A segunda subcategoria está relacionada aos fatores sociais intervenientes na representação da violência para os líderes religiosos. Os participantes referiram em suas falas, que em suas percepções não há diferença na função/atribuição/papéis do homem e da mulher. As diferenças destacadas pela natureza biológica (no caso de gerar um filho e dar a luz), não são percebidas pelos participantes em relação às ações do cotidiano de cuidado, que anteriormente pela cultura eram vistas como funções exclusivamente femininas e atribuídas à mulher. Para os participantes, essas funções hoje são comuns a ambos os sexos e devem ser vistas e exercidas na “complementaridade” e na colaboração, no auxílio mútuo, como percebemos nas falas:



“...pensar numa família que, na qual exista filhos, ambos têm a responsabilidade da paternidade e da maternidade, e que um lado não exime o outro, eu acho que se complementa. “  
(CA2)

“Eu procuro aqui em casa, contribuir. É o mesmo papel e deve ser o mesmo papel da mulher. Papéis semelhantes. Obviamente que cada um tem uma habilidade na produção, na educação, mas ambos deveriam se completar” (ES2)

“Ambos têm a mesmíssima função... O pai e a mãe da minha casa era minha mãe, ela era o líder da minha sociedade chamada ‘família’ e ela desempenhou a mesmíssima função que o meu pai desempenharia... Apesar de termos a mesma responsabilidade para criar, manter, sustentar e propagar a sociedade, toda sociedade tem diferenciação... “(EV1)

Portanto, a igualdade se deu nos aspectos dos direitos humanos, em ambos serem participantes ativos na construção da sociedade e na possibilidade de exercerem funções que não se reduzem ao gênero:

“os dois juntos constroem a sociedade.... Se a gente pegar de forma genérica, eles têm a mesma função. Então eu tenho dificuldade de estancar a funcionalidade ‘homem faz isso, mulher faz aquilo’, ainda mais no século XXI, estas funções são intercambiáveis” (EV1)

Lapa (2022) argumenta na contramão do proposto pelos participantes do estudo. De acordo com a autora, a representação social de gênero ainda é bem distinta, em diferentes esferas. Há, para a mulher, um papel de subjugo, resultante de um processo histórico. Sendo assim, ser mulher na sociedade de hoje, ainda está vinculado a assumir uma posição de risco, inclusive na relação com parceiros íntimos. Os padrões e motivos de subjugo e repressão à figura feminina mudam de acordo com os valores sociais de um período histórico; porém não deixam de ser mantidos.

A terceira e última subcategoria, destaca os fatores familiares, sendo que os dados estão prioritariamente relacionados com as falas dos participantes em relação à sua percepção da figura masculina e de como essa figura pode, potencialmente, reforçar ou não representações vinculadas à violência.

Os resultados revelam que 33,3% dos participantes consideram que tiveram uma imagem positiva construída acerca do masculino, imagem essa identificada por estar no trabalho formal e por não ter praticado violência para com os filhos ou para com a esposa/genitora, pela presença e convivência com a figura paterna:



“Trabalhador, guerreiro, simples, uma figura próxima” (EV2),

Outro ponto importante observado nesta subcategoria, é que 4 participantes (44,44%) mesmo demonstrando ter tido influência positiva da figura masculina, ressignificam alguns pontos da relação e figura paterna, o que foi possível pela maturidade.

“Foi positiva, porque mesmo o que eu não considere legal, eu tive a consciência de tirar proveito daquilo, buscar entender o que eu aproveitei e o que eu não aproveitei. Os exemplos que ele deu nem todos foram bons, e os que não foram bons eu tenho que fazer diferente” (ES1)

Dois participantes (22,22%) tiveram uma construção negativa do masculino, porém as vivências e experiências foram ressignificadas, fazendo com que não sejam repetidas/reproduzidas as violências sofridas/presenciadas no passado:

“...o masculino na minha casa era o forte, força no sentido de virilidade, aquele que não pode demonstrar sentimentos, que tem que ser sempre forte - aquela máxima... homem não pode chorar... não pode demonstrar fraqueza. (...) meu pai ficou mais humanizado depois dos problemas cardíacos e nisso eu já estava jovem adulto... então essas experiências vividas ajudaram a fazer uma ressignificação e também pensar diferente” (CA2)

Um participante foi criado pela mãe, e teve figuras paternas ao longo do desenvolvimento da infância e juventude, tendo ressignificado a ausência e tido exemplos do masculino nos aspectos da provisão e do cuidado com a família.

Nas falas onde houve uma ressignificação seja pela ausência da figura paterna ou seja pela presença de um pai violento/abusivo, percebe-se que características como o exemplo positivo de outras figuras masculinas somada a condição interna de escolha em não reproduzir a mesma vivência que possuiu na infância, foram aspectos que somados, resultaram em uma construção mais saudável do masculino, o que permite a vivência de um relacionamento conjugal positivo e a reprodução da figura paterna, sem violência. Ou seja, a ausência da figura paterna ou o exemplo negativo deste, não foram fatores determinantes para que os entrevistados reproduzam a condição negativa em que cresceram.

Cardoso *et al* (2021) abordam em seu estudo a importância da questão da representatividade da masculinidade na vivência familiar, pensando-se na família como o primeiro social, onde se compartilha diversos contextos e conceitos, perpassando por questões de herança biológica (nos casos em que há uma associação biológica na constituição da família), aspectos referentes à sexualidade, à espiritualidade, dentre outros. Os autores enfatizam que



apesar dos avanços sociais e novas conceituações em relação à família e aos papéis familiares, principalmente as figuras masculinas, ou seja, no que tange à paternidade, ainda existem diversas cristalizações culturais, acerca do que é o cuidado e de que maneira ele deve ser exercido. Há a necessidade de estimular quem exerce o papel de pai, ao reconhecimento e importância do seu papel de cuidado e os reflexos que isso imprime na vida adulta dos filhos.

A análise desta subcategoria revelou ainda dados relacionados à representação da violência em diferentes fases da vida e denota as interpretações dos líderes religiosos acerca da violência na infância, adolescência e vida adulta dos fiéis que foram atendidos, dentro de sua experiência. Um participante da denominação espírita, refere o seguinte relato:

“De dez entrevistas que a gente tem, acho que umas sete tem algum tipo de violência envolvida em algum instante na vida da pessoa, que leva ela a ter uma situação que ela tá em. Então, às vezes é uma infelicidade que aconteceu na infância, que ela nem se lembra mais (...)” (ES1)

Pela experiência do participante é possível perceber aspectos relacionados à vivência da violência em alguma fase da vida, de maneira recorrente e que interfere em fases posteriores da vida, ou do desenvolvimento.

De acordo com Silva e Paulino (2021) a vivência da violência ao longo da vida promove, em diversas ocasiões, a percepção da violência como algo natural das relações. Para as autoras, a religiosidade pode auxiliar a resgatar sentidos de vida, que despertem manejos para lidar com as implicações da violência e dessa maneira restabeleça o sentido da existência de mulheres vítimas de violência. Essa possibilidade de manejo, ainda na percepção das autoras, independe da filiação religiosa específica, mas sim da vivência da religiosidade ativa.

Com base nos trechos retirados e analisados nas entrevistas, em todas as categorias e subcategorias, é possível perceber que os participantes, enquanto líderes religiosos, identificam distorções na maneira como os afiliados de suas denominações religiosas representam socialmente os papéis de masculino e feminino.

É importante que mais pesquisas sejam realizadas para aprofundar as discussões na temática, visando estratégias de minimizar progressivamente os impactos da representação social atual do masculino e do feminino na sociedade brasileira, o que pode impactar diretamente no manejo da dor, pensando-se no conceito de dor total, e também no manejo das situações de violência.



## **5 CONCLUSÃO**

Com a realização do estudo foi possível perceber que existe uma diversidade de fatores que influenciam a representação da violência e como os líderes religiosos compreendem essa representação, bem como reconhecem em sua prática, situações nas quais há a necessidade de orientação ou intervenção.

Também foi ressaltada a importância de diversos fatores na composição da representação de gênero, sendo essa representação atrelada a fatores biológicos, sociais e familiares, constituindo a percepção tanto individual, quanto coletiva acerca da violência.

Dada a importância da prevenção da violência, sendo que este fenômeno se transformou em uma questão de saúde pública, cumpre destacar que para os líderes, nenhuma religião converge com a violência, ou compactua com esta e que quaisquer práticas religiosas que incentivem ou sejam mantenedoras da violência, não estão em acordo com as bases propostas na religião, apegando-se a erros interpretativos.

Assim, os objetivos do estudo foram atingidos, o que pode colaborar com a reflexão de líderes e afiliados, acerca do papel da religião na prevenção da violência, evitando-se os diversos tipos de dor resultantes desta. Ressalta-se ainda a necessidade de mais estudos que busquem outros recursos para lidar com este complexo fenômeno.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a todos os participantes desta pesquisa, líderes religiosos, que destinaram parte do seu tempo para colaborar não somente com a pesquisa, mas com todos os produtos que serão realizados a partir deste estudo. Sem eles esta pesquisa não seria possível.



## REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 26. ed. Brasil: Editora Vozes, 2006.

BERNARDI, C. J.; CASTILHO, M. A. de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações (Campo Grande)**, v. 17, n. 4, p. 745-756, 2016. Disponível em: [https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4\(15\)](https://doi.org/10.20435/1984-042X-2016-v.17-n.4(15)). Acesso em: 24 nov. 2024.

BEZERRA, J. R. da S.; LIMA, A. J. S. de. A ética cristã e a igualdade de gênero. **Revista OWL (OWL Journal)**, v. 2, n. 4, p. 290-303, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13122567>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, 2021.

BOLZAN MEDEIROS, F.; CAMPOS, S. A. P. As relações de gênero, os estereótipos e a violência simbólica no mercado de trabalho. **Revista de Administração**, v. 10, n. 1, p. 127-144, 2020.

CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R. Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: application and perspectives. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 259-264, 2009.

CARDOSO, A. C. *et al.* Masculinidades, paternidade responsável e suas implicações familiares. **Revista Científica da UMC**, v. 6, n. 2, p. 84-89, 2021.

DOS SANTOS SILVA, M. T.; KEIKO KATAOKA LIMA, I.; DOS SANTOS SIQUEIRA, T. Violência doméstica e familiar contra a mulher: o papel da igreja adventista do sétimo dia para com a mulher de prática religiosa. **Revista Formadores**, v. 21, n. 01, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.25194/ufv.v21i01.2070>. Acesso em: 24 nov. 2024.

FACCHIN, M. A. O animismo como elemento de resistência contra o machismo. **Mulemba, UERJ**, v. 12, n. 23, p. 108-120, 2020.

FARRIS, J. R. Autoridades morais no comportamento sexual humano: implicações para a religião e a psicologia. In: ARCURI, I. E.; ANCONA-LOPES, M. (Orgs.). **Temas em Psicologia da Religião**. São Paulo: Vetor, 2007.

LAPA, R. C. R. Gênero, pobreza e raça: investigando a violência doméstica. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 03, p. 741-756, 2022.

MACHADO, D. F.; CASTANHEIRA, E. R. L.; ALMEIDA, M. A. S. de. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 5003-5012, 2021.

MINAYO, M. C. S. **Caminhos do Pensamento: Epistemologia e Método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012. 380 p.



MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

PRAZERES, A. J. Fundamentalismo, bíblia e relações de gênero. **Revista Eletrônica Correlatio**, v. 20, n. 1, p. 63-85, 2021. Disponível em:

[https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/78991228/7889libre.pdf?1642455139=&responsecontentdisposition=inline%3B+filename%3DFundamentalismo\\_Biblia\\_e\\_Relacoes\\_de\\_Gen.pdf&Expires=1729449547&Signature=BSUYNAwV4a7lS3Dg~2~7lI1MKO2x5jRIR7dXBZqbRpJDdRGHa64u9hrW9CcGSqx8fakk8SCBj2FhcSz~d4iOb8NUFebg7csZeiQjORclhETuD4aZ~c0fcCg~3HFR3vHgn3RYdrWsdqB5nLD5ncCK7QZsiiSlidmbWtpgnOkCE1223BJLNNxctzabCUsd0SEIc4kar4YVjYjw9~VMqVLVWeUvSTePY25Xuizy2cK5JTv5EKDZndZQ5S1GhJB6SINMYq3kHjlfhKOH6hS5nku3F8u9MNnL8dbpvw3oec6etlPogCwpyA4iTh47~JaOA9YoLOZyIIZPYuREiiMw\\_\\_&KeyPairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA](https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/78991228/7889libre.pdf?1642455139=&responsecontentdisposition=inline%3B+filename%3DFundamentalismo_Biblia_e_Relacoes_de_Gen.pdf&Expires=1729449547&Signature=BSUYNAwV4a7lS3Dg~2~7lI1MKO2x5jRIR7dXBZqbRpJDdRGHa64u9hrW9CcGSqx8fakk8SCBj2FhcSz~d4iOb8NUFebg7csZeiQjORclhETuD4aZ~c0fcCg~3HFR3vHgn3RYdrWsdqB5nLD5ncCK7QZsiiSlidmbWtpgnOkCE1223BJLNNxctzabCUsd0SEIc4kar4YVjYjw9~VMqVLVWeUvSTePY25Xuizy2cK5JTv5EKDZndZQ5S1GhJB6SINMYq3kHjlfhKOH6hS5nku3F8u9MNnL8dbpvw3oec6etlPogCwpyA4iTh47~JaOA9YoLOZyIIZPYuREiiMw__&KeyPairId=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA). Acesso em: 20 out. 2024.

ROSSI, L. A. O fundamentalismo bíblico como suicídio teológico. = Biblical fundamentalism as theological suicide = El fundamentalismo bíblico como suicidio teológico. **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, v. 88, n. 3, p. 23-34, 2022. doi:10.15603/1676-3394/ribla.v88n3p23-34.

SAUNDERS, C. **Hospice and palliative care. An interdisciplinary approach**. London: Edward Arnold, 1991.

SILVA, C. A.; PAULINO, P. Violência doméstica contra a mulher: olhares da psicologia e intercessão com a dimensão espiritual/religiosa. **Cadernos de Psicologia**, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 804-825, 2021.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WALTON, J. H. **O pensamento do antigo Oriente próximo e o Antigo Testamento: introdução ao mundo conceitual da bíblia hebraica**. São Paulo: Vida Nova, 2021.